

A PATRIA

ORGÃO REPUBLICANO DO CONCELHO DE OVAR

PUBLICAÇÃO SEMANAL

Director — Antonio Valente d'Almeida

Redacção: Rua de St.ª Anna

Administrador — Fernando Arthur Pereira

Rua das Figueiras

ASSIGNATURA

Em Ovar, (villa) semestre	500 réis
Para fóra da villa, Continente e Africa, semestre	600 »
Brazil, semestre	700 »
Avulso	20 »

Propriedade da Empresa do jornal "A PATRIA,"

Composição e impressão—IMPRESA CIVILIZAÇÃO

de Viuva Lemos & Gonçalves

RUA DE PASSOS MANOEL, 211 a 219—PORTO

Annuncios: 1.ª publicação, 40 réis a linha. Repetições, 20 réis

Permanentes e reclames a preços convencionaes.

Comunicados a 50 réis a linha. Aos assignantes 25 % de abatimento

A OBRIGA

Mil oitocentos e oitenta contos

No relatório, parecer, ou como queiram chamar-lhe, da comissão de inquerito aos adeantamentos á caza real ha afirmações curiosissimas, e peregrinas fórmulas de arrumar contas. De 5232 contos é o debito da caza real á nação, e assim lhe chamamos em homenagem á lei de imprensa que nos obriga a trocar os termos e a inverter os sentidos. Esses 5232 contos de pagodeira monarquica e de devorismo real, evidentemente, os dedicados monarchicos não poderiam apresentar-os a D. Manoel numa salva, dando ao monarcha o espinho de carregar com a responsabilidade dinastica de uma tão infame expolição, por isso, os milhares de contos da «trampa de los antecipos» força era encontra-los fosse como fosse com o que fosse.

Felizmente, na nossa vernacula lingua dos Bernardes e dos Coutos, uma palavra ha para o caso—os abonos; e como expertos gramaticos logo lhe deitaram a garrá, logo a puzeram de face a embater nos adeantamentos.

Os abonos dos reis á nação! Olhem que é importante... Escavando desde o principio, não será de mais encontrar que Afonso Henriques, só, mail-a sua côta, fundou o reino, conquistou Santarem, a moira Ulissippo, e do seu bolso pagou a ricos homens e a infanções. Não será demais encontrar-se no irreluzo João I a vitoria de Aljubarrota e os triunfos juridicos de João das Regras; quanto a abonos, sabe-se que foram, pessoalmente, João II e Manoel I quem descobriu a estrada das Indias, quem lá fundou um imperio, quem abordou ao Brazil; a todo o orbe, a todos os mares! Abonos dos reis á patria... O! importantes, sublimados; sem duvida.

Quem nos livrou da Hespanha foi o duque de Bragança—esse covarde, esse acomodaticio, esse egoista e despatriotizado rebento dos Barbadores; quem fez os sacrificios supremos da guerra da independencia ele foi e seus filhos doidos, cupidos, máos, incestuosos; ele e os seus, não o povo. Com Maria I a fanatica e ensandecida rainha, com João VI que por conhecido não perde, quem combateu contra os francezes, quem os venceu e expulsou, claro é que foram os dinastas. O povo, em massa, escapuliu-se para o Brazil—miserias da arraia-meuda—, e cá, bravos que nem o Cid, quem os escorraçou foi D. Maria; no Bussaco, na Roliça, no Vimeiro salvou-nos a espada—de D. João VI. E não contentes ainda empenhavam as joias da India e as baixelas da China, para que o povinho glutão, indolente, devorista tivesse no Brazil as patacas com que atulhar o bandulho.

Ricos abonos:—quem pelejou no cerco do Porto foram os reis portuguezes, e quem pagou as

despezas das expedições liberaes foi Pedro IV—do seu bolsinho. Sabe-se que Pedro V, Maria II, Luiz I, Carlos I, nunca receberam do seu paiz dinheiro, peita, fosse o que fosse que tenha custado suor e sangue. Palacios, castellos, parques, cavalariças, mobílias, luzes, latrinhas, guarda vestidos, tudo foi feito com o dinheiro, com o trabalho honrado dos nossos reis. Num paiz de madraços, de pedinchistas, de esfarrapados, eles nada devem ao povo, e o povo desde a nacionalidade á camiza, e desde os tamancos á «carta» tudo lhes deve. Está certo! Está ezatissimo!

A comissão burocrata que fez o relatório dos adeantamentos descobriu que D. Maria II tinha abonado ao tezouro, em todo o seu largo reinado, mil oitocentos e oitenta contos. Mil oitocentos e oitenta contos, que, paralelamente, fez o achado de ter cedido a rainha—por conveniencias dinasticas, por interesses materiaes e immediatos.

A rainha cedia—por todo o sempre, e sem revogação ao tezouro publico; em horas de aperto, em momentos criticos, quando toda a gente, remedialos e pobres,—fazia o mesmo. A rainha cedia para ganhar simpatia, para consolidação do seu trono. Era um negocio. A sua compra, era—a successão. Pois muito bem. Setenta anos depois do advento de Maria II as suas cedencias, o seu negocio com a nação, avaliavam-lhe em mil oitocentos e oitenta contos, e a titulo de divida nacional descontam-o na verba dos adeantamentos!!!

São contas. O parlamento devora-as, passa-lhes um pano molhado, e apaga-as da ardozia negra. Aquilo depois esquece, e ninguém se lembra mais dos adeantamentos senão para louvar e admirar a jenerosidade e munificencia de D. Maria II:—a tal que fez as cedencias de mil oitocentos e oitenta contos.

Assim iumenta o parlamento e assim o querem adeantadores e adeantados.

Sómente—enganam-se. Aquelas contas—eles suspeitos, eles cúmplices, eles parceiros não as liquidam—po que não podem. Falta-lhes moralidade, carecem de izenção, sobejam-lhes cumplidades.

Fazer aquelas contas, liquidal-as, arrumar aquilo de vez—não é o parlamento: é o povo.

E com o povo—fia mais fino: não ha encontros, não ha cedencias.

Antonio Valente.

Por mil cento e sessenta e trez contos de reis ficou a Portugal a famozissima, a salgadissima historia da concessão dos sanatorios da Madeira.

Mil cento e sessenta e trez contos de reis de inde-

mnização, votados pelo parlamento para se evitar a vergonha, o vexame, a afronta, de uma intervenção diplomatica cominatoria e inflexivel.

Os responsaveis...

Todos o são nos grandes partidos monarchicos, e o mais culpado de todos foi esse inepto, esse imbecil governo monarchico que concedeu a um principe «brasseur d'affaires» os privilegios filantropicos... da indemnização que pagámos.

Adminstram-nos—abrindo a porta ao primeiro estrangeiro que apeteça sangrar-nos em dinheiro e honra,—todos, para maior lustre da coroa põem o paiz em almoeda; levam-no á feira dos appetites internacionaes.

Todos, na jerencia dos negocios publicos comprometem o nosso credito, o nosso conceito; repartem o dinheiro que nós pagámos, desperdiçam a riqueza que o paiz cria. Hoje é um orçamento falsificado que fecha as suas contas com milhares e milhares de contos de deficit; são adeantamentos, são izenções a afilhados, a grandes companhias, a górdos influentes; hoje são indemnizações que ofendem o nosso brio e desorganizam a nossa economia:—provocadas por ineptia, por desprezo do bem publico, senão por cumplidade infamante; amanhã o que será, o que nos espera com taes «adminstradores» e com essa raça de taes «politicos»?!

Talvez a bancarrota, talvez, a falencia total, material, moral, economica, civica!

Os numeros são expressivos, as cifras não sofrem contestação...

A monarchia dos adeantamentos, dos deficits, das chacinas, do jezuitismo, da indemnização dos mil cen-

to e sessenta e trez contos de reis, a monarchia que organizou em systema o saque aos bens do paiz, essa monarchia não ficará por aqui.

Pagaram-se por sua criminosa admnistração e por sua baixa politica mil cento e sessenta e trez contos de reis a um alemão de sangue real!

Que mais se segue?...

ECHOS DA SEMANA

Lourdes

Correspondencias de Lourdes para os jornaes catholicos dão conta de curas milagrosas de tuberculozas á simples passagem do Santissimo, nas procissões da Bazlica. Toda a gente sabe que, humanamente, a tuberculose é uma doença, desgraçadamente incuravel, e d'ahi a importancia das curas de tal molestia;—se se não tratasse d'uma refinadissima intruzice que dá fartos lucros á egreja. A cura da tuberculose pelos milagres de Lourdes!...

Extranho favoritismo da divindade que só aos ricos, aos favorecidos que possam ir em romagem a Lourdes, e só a esses, acode nos males e na desesperança! El forte imbecilidade a dos paspalhões que fazem correr mundo a historieta, sem se lembrarem que, assim, podem indispôr a Virjem Maria com a incomensuravel maioria dos desprovidos de meios, que por não irem á Gruta e ás Piscinas ficam condenados aos aleijões, ás doenças, á morte. Que Deus lhes ensinam a venerar... carrasco para uns e amovavel para outros—que não são mais dignos nem, tampouco, são mais necessitados. A suja lojica dos santos parvos!

Um gordo

No orçamento, que por rizota e comedia se convencionou discutir, figura entre os credores do estado Domingos Busquet, como devendo perceber de indemnizações a quantia de duzentos e quarenta e seis contos de reis. A historia é isto. O snr. Busquet, empreiteiro d'uma seção na construção da linha ferrea do Douro, ha cerca de 30 anos reclamou do governo uma indemnização de 12 contos de reis.

A reclamação foi considerada improcedente, e governo algum autorizou o seu pagamento. Entretanto, á medida que os anos iam passando, Busquet, por uniões matrimoniaes e por relações de negocios, ia crescendo em importancia; ia engrassando em peso. Em 1906 um ministro jenro e compadre do empreiteiro accetei-lhe, emfim, o principio de ezame á indemnização, e faz-se a cousa por arbitragem—tudo escolhido entre a parentela dos amigos. O resultado é que os arbitros

concordam em julgar legal a reclamação, e por meio d'umas contas absolutamente monarchicas elevam a pseudo-divida do estado ao empreiteiro Busquet á inverosimil quantia de duzentos e quarenta e seis contos de reis. Ora, é essa quantia que faz figura no orçamento deste ano, para ser paga em moeda de boa lei ao afortunado compadre, ao gordo empreiteiro. Doze contos que successivos governos nunca reconheceram como divida, e que trinta anos depois, transformados em duzentos e quarenta e seis contos de reis, apparecem como devidos ao reclamante da indemnização, suspetissima... de 12 contos!

É admnistração monarchica pintada e viva:—os cofres publicos a saque para se encherem as arcas da afilhadagem e da parentela. Olhem os que teem que perder. Vejam se ainda lhes serve?...

Mais carga

Para travar a marcha vertijinoza para o abismo, no preambulo do orçamento, o titular da pasta da Fazenda apresenta uma solução—o aumento dos impostos.

É bem feito. O povo paga pouco; as classes produtoras: comerciantes, industriaes, agricultores, operarios, podem pagar muito mais. Para isso pois—mais impostos. É o unico meio... no entender do ministro. É; é claro. Gastar menos é impossivel, não esbanjar, não desperdiçar é criminozo; forçar os grandes insolventes millionarios ao pagamento do que devem á fazenda publica—tambem não é decente nem pratico. Dizer aos magnates, á côrte, que cortem um pouco pelos excessos embacia o lustre monarchico; pedir alta a adeantadores e a contribuições constitucionaes. Mais impostos, portanto, afim de que siga a bicha por mais uns anos, com o ocusjenio de uns tantos contos de contos novos a darem para o pagode, para orjias, e para propaganda da... Liga do Carapau.

E *apau nous le deluge*—rica sabedoria das nações.

Encravado

Textualmente, é como a «Havas» dá o reinho da Grecia. O homem apanhou uma revoltite que o ia levando ás portas da morte, acrescentando, ainda, o triste do caso, de serem os officaes do exercito seus feis subditos quem lhe pregou a partida.

É vão lá os reis fiar-se nos seus exercitos. Sucede-lhes como aquele que se fiava na virjem—era trambulhão de ferver.

Aniversario

A 3, sexta feira ultima, passou a data memorativa da expulsão dos jezuitas. Foi no dia 3 de setembro de 1759 que D. José, por graça do... marquez de Pombal, fez publicar o decreto que expulsava de todo o reino e de todos os territorios portuguezes todos os membros da companhia de Jezus. O decreto foi recebido com demonstrações unanimes de jubilo, e, se hoje, lembran-

do o aniversario, festejassem a data celebre as municipalidades e povos que então puzeram luminarias de contentamento vêr-se-hia o paiz inteiro com foguetes, luminarias e «ações de graça». Até Braga, a fanatica Braga, poria luminarias nas suas cazas.

Volta do tempo...

A paz

Nas manobras navaes alemãs da semana finda chegou-se á conclusão que as grandes unidades da guerra são ainda insufficientes para manter a paz europea. Por consequencia, a Alemanha, vae dotar suas esquadras de mais meia duzia de «Dreadnoughts». E assim se afasta o espectro da guerra. Assim se dá pão aos famintos. Assim se acode á desvalidez.

Ferrer

A cruz e a espada podem já dormir socegados visto que Ferrer foi preso.

Quem é pois este pezadello?

Francisco Ferrer é um rico catalão que tem consagrado toda a sua existencia e todos os seus bens de fortuna á propaganda da instrução, do livre pensamento e da emancipação libertaria. Os seus crimes—crimes de toda a sua existencia—contam-se pelo numero de escolas fundadas, pelo seu trabalho de educador modelar que o torna digno herdeiro dos Pestalozzi, pelas consciencias que emancipou, pelas intelijencias a que deu força, disciplina, caracter. Em toda a Espanha dos sonhadores d'uma *Vita Nuova* nenhum o eguala no carater firme, na abnegação, no desinteresse profundo; na doçura, na bondade:—no amor da verdade e na paixão do progresso. Ha homens de ciencia mais notaveis em Espanha, não ha lá homem de coração que o exceda. A *Escuela Moderna*, fundação totalmente sua, é uma maravilha aplicada de carinho, de penetrante saber; e obra e autor a ferocidade governamental encarcera-os—para a força. Obra e autor, o odio catolico e o odio monarchico, tendo-lhes lançado a excomunhão, vão devorarl-as no ventre infame. Gloria á inquisição; gloria á monarchia de Afonso XIII...

Fazendo historia

Ha um anno «A Patria» publicou um artigo contra o jogo que n'essa occasião tinha vida desafogada e livre de sustos no Furadouro.

N'um dos seus numeros atrasados e portanto muitos mezes depois, publicou «A Discussão» um artigo em plena concordancia com

(24) FOLHETIM

Camilo Castelo Branco

A Brasileira de Prazins

A creada demorava-se a procural-a, a finjir; e o sarjento:

—Se se demora, ó santinha, vae dentro a porta! O' 24, vae buscar um machado que eu ali vi na cozinha. Salta um machado!

—Não é preciso, camarada—acudiu o abade—Aqui está a chave. Eu abro. Entrem, procurem á vontade.

O sarjento parou á porta a familiarisar-se com a escassa luz da adega:—O' padre! isto aqui é que é a sala do trono? ou é o subterraneo da inquisição? Mande lá acender uma candeia, se não tem um archote.

—O' mulher, traz d'ahi uma placa aceza,—disse o abade Marcos contrazendo o seu terrôr.

E o homem, lá dentro atraz das pipas, tiritava como Heliogabalo na latrina, seu derradeiro refugio.

A Senhorinha entrou adeante com a placa, um luzeiro mortico de

o nosso, o que nós jubilosa e immediatamente registamos prevenindo que ao menor alarme levantaríamos a voz e pedindo ao collega que da mesma fórma procedesse.

Coube-nos a vez de dar primeiro o alarme e assim fizemos, solicitando o auxilio de «A D. scussão» e dando a voz de *Alerta!*

Para sentinellas vigilantes parece que a resposta seria um *Alerta está!*

Pois foi apenas uma data de *tapona* que nos deixou assopapados!!!

E porquê?! Porque como nós protestassemos contra o jogo e contando com a sua adhesão lhe perguntassemos o que nos dizia, ella viu na pergunta um *ar de duvida*.

Livre-se alguém d'uma d'estas... Depois mette-nos uma giria inteiramente desconhecida para nós e que nos obrigou a interrogar competentes no assumpto extranhos á redacção por cá ninguem a comprehender.

Que não costuma *jogar de porta ou salvar a cara?*!

Ora nós nunca tinhamos affirmado que a collega jogasse da porta, do corredor, da cosinha ou até da rua; tambem não tinhamos atirado nenhum *tabéfe* nem *projectil* para ter de salvar a cara. Ficariamos pois sem perceber se não nos valesse um amigo.

Final a collega lucha comnosco no mesmo campo contra o jogo, e faz umas considerações muito do nosso agrado e que apoiamos sinceramente, creia-o.

Com ares de duvida?!!!

Ora diga-nos á boa paz: e porque *haviamos de duvidar da sua sinceridade?*

Em que viu esse *ar de duvida?*

Não, collega, enganou-se.

Convida-nos a dar-lhe a mão e a combater o jogo, caminhando *ovantes*. O combate iniciamol-o nós; *ovantes* não vemos ainda motivo para estarmos, mas *avante* vamos lá.

Quanto a *dar-lhe a mão*, que nos pediu só darémos o nosso *sim* tão desejado, depois d'uma pequena explicação.

A collega diz que nós quizemos metter-lhe surrateiramente as mãos nas albigueiras.

E' tão descabida a affirmativa e seria tão baixa e indigna se fosse propositada, que nós crémos sinceramente que a phrase lhe atraçou o pensamento.

O que queria certamente era empregar a phrase vulgar de *metter os pés nos bolsos* synonyma de *disfructar* o que tambem não era verdade.

Mas confessemos que nunca com tanta infelicidade metteu as mãos pelos pés.

E ousamos esperar que se explique para lhe não deturparem as intenções os mal intencionados.

cebo com morrão que parecia condensar mais as trevas da lobrega caverna.

—Arranja ahi um fachoqueiro de palha, ó 14. Que raio de placa você cá traz, mulher!

—E' emquanto não péga bem a torcida—explicou a creada caminhando atraz do padre para o lado oposto do esconderijo. Com efeito a claridade difundia-se mas tão de vagar que ninguem diria a velocidade que os naturalistas marcam a um raio de luz. Os soldados batiam com os nós dos dedos nos tampos das pipas que toavam o som abafado de cheias.

E o 14:—ó meu sarjento, o tanso do abade casca-lhe rijo no verdasco! Estão cheinhas! E apontando para as duas pipas vazias do canto, o sarjento perguntava se o vinho d'aquelas já tinha caído na sacristia—e dava piparotes na barriga do padre.

O abade tinha uns sorrisos palidos, comprometedores como uma denuncia. O 24 escutava e dizia que a modos que ouvia mexer cousa atraz das pipas!

—Hade sêr ratos—conjecturou o abade, tremulo, engasgado.

—Palpa com a baioneta por traz das pipas, ó 24!—disse o sarjento.

Mesmo porque se nós lhe mettessemos as mãos nos bolsos, nem a collega queria a nossa companhia, nem precisava de *pedir a nossa mão*; já lá a tinha.

Pergunta-nos, se agora apparecendo um Pacheco sem levar o sello da administração, pôde ou não jogar, o que julga um caso *algo intrincado*.

O caso *d'algo* terá muito, mas de *intrincado* não tem nada.

Nós nada sabemos de leis e portanto se *de jure constituto* elle poderá ou não jogar; mas entendemos que pôde por o principio do sapaiteiro de Braga—ou todos comem ou haja moralidade.

Mas por cautella, nós em vez de *salvar a cara* como a collega diz, salvamos o corpo todo e não pômos lá o pé que não vá o diabo tecê-las! Se elle até já fez com quo a collega nos visse ares de duvida... Crêdo, cruces, canhoto!!

ARA

TROVOADA

Rico mez de setembro! Que excellente tinha sido a colheita terminada! Passa do meio dia. De repente, começa a escurecer... A trovoadá?

Toda cheia de milho, é um sol poente a eira; ó que riqueza bem ganhada! Relampagos, agora... E a pobre jente que dorme a sua sésta socegada!

O primeiro trovão: que Deus nos valha! Lá acodem, emfim! Já em voz alta o lavrador comanda, e reza, e ralha...

Chove! Que confusão... E nem dão tino d'uma galinha mãe que o milho assalta com seu lindo rebanho pequenino!

Antonio Corrêa de Oliveira.

Virtudes catolicas...

Não ha odio como o de padre, diz um velho aforismo, e a experiencia demonstra, todos os dias, que nada ha peor que o odio que mutuamente alimenta o clero.

Um caso picaro de sacristia, por ahi succedido, em que se envolvem, rancorosamente, a mór parte dos reverendos da nossa terra friza-o, admiravelmente.

Por uma questão de irmandades, essa futilidade entre as cousas futeis! vieram ás mãos uns e outros, e uns e outros teem mexido mar, terra e ceu, afim de vibrarem-se raiozamente as mais dolorozas facadas. Na dança, mesmo, entraram os santos, desde o rôxo e moribundo Senhor dos Passos, até ao rico capitalista da côrte celestial, o

Assim que o aço da baioneta raspolu na parede a Senhorinha começou a dar gritos, sentou-se a espernear, e perdeu os sentidos.

—Que diabo tem a velha?!—perguntou o Pilula.—Dão-lhe estupores, hein?

E' flato, costuma-lhe a dar—elucidou o abade.—O 24 voltara-se a vêr a velha escabujar, e retirára a baioneta de traz das pipas. O abade teve um momento de esperança, cuidando que o ezame estava feito:

—Tem visto, sr. sarjento? Aqui não ha nada. Os senhores vieram enganados a minha casa.—E caminhou para a porta com a luz.

—Espere ahi, seu padre! Andame com a baioneta 24. Escarafunche-me esses ratos.

O outro soldado entrou no mesmo ezame; e, apenas as baionetas resvalaram por corpo que lhes abafava os tinidos metalicos das pontuadas, ouviu-se um grande estruvido de coisa que trepava pelas pipas. E nisto appareceu uma cabeça com enormes barbas sobre um dos tampos.

—O'!—bradou o Pilula—muito bem apparecido n'esta função, sr. D. Miguel II Suba p'ra cima desse trono e dê lá de cima um bocado

famozissimo, o dulcissimo S. Francisco de Sales. Espetadores indifferentes, alheios, de todo, do «infausto e miserando successo» nos temos conservado e nos continuaremos conservando. São uns e outros dos varões celestiaes pessoas fora da orbita das nossas relações, e manda a boa educação que a jente não se intrometa nos «dize tu direi eu» das individualidades que pessoalmente se não conhecem. Alem de que não somos metedicos, e vivemos, perfeitamente, no nosso isolamento voluntario. Não defendemos, pois, um ou outro; não vimos levantar brado por qualquer um contra o outro. Isto é, simplesmente, um comentario sereno, pacato; isto é, simplesmente, tirar dos factos, com a imparcialidade do desinteresse, a conclusão que eles inculcam.

Ora vamos lá. Diz a igreja que as melhores virtudes cristãs, o *nec plus ultra* catolico, vêm a sêr, em toda a circunstantia, a caridade e a humildade. S. Francisco de Sales e o Senhor dos Passos (queiram perdoar suas beatissimas divindades) porem, envolveram-se em questão.

Directamente é claro que não, mas por interferencia e delegacia dos seus representantes legaes—os padres. Essa questão, como era de esperar, interessou os fieis, dividiu os catolicos, alarmou e irritou os crentes. Essa questão, os proceres celestiaes (sempre por interferimento dos respectivos procuradores) não a derimiram com a serenidade, a cordura, o espirito de «bom accordo» que, ás vezes, vemos nas desinteligencias humanas acabar por vencer e impor-se; essa questão, o Senhor dos Passos e o nababo S. Francisco, ao que dizem os interessados, tornaram-a violenta, rancorosa, inconcilavel.

Dulcerosamente, S. Francisco queixa-se, ó cumulo! do Senhor dos Passos, acuzando-o; amargamente, ó inverosimil! o Senhor dos Passos formula um *dossier* respeitavel contra S. Francisco! Não somos por um nem por outro, já o dissémos, ainda que tenhamos certas simpatias ancestraes e incognosciveis pleiteando pelo tristissimo Senhor da Coroa de Espinhos.

Não somos por um ou outro—ha affirmações que lucram sempre em sêr repetidas—e por consequencia, *tout bonement* e pão, pão; queijo, queijo; diremos que, ambos, mal avizados andaram.

Não deviam questionar. Vae contra a caridade, repugna á humildade.

Quando muito, se se sentiam um tanto embaraçados, e se havia constrangimento, gravame ou mal na mutualidade de relações, caridozamente e humildemente fizessem-o sen-

de cavaco ás tropas! Mas o melhor é descer cá p'ra baixo, real senhor!

O 24, muito espantado, a olhar para a cabeça do homem:

—Parece o padre eterno, ó meu sarjento.

—Com quem ele se parece é com o *Remexido* do Algarve,—afirmava o 14.

—Desça d'ahi que ninguem lhe faz mal, homem. Está prezo á ordem do governador civil—concluiu o sarjento com seriedade imponente.

—Este senhor?... não... disse o abade com as mãos postas.

—Não seja asno—volveu o sarjento. Este homem não é D. Miguel. E' um faiante que ó está aqui a comer a você e mais aos patolas da sua laia. Vá-lhe buscar a roupa, senão ele entra na escolta em mangas de camisa.

—Dê licença que este senhor se vá vestir ao seu quarto—suplicou o abade.

—Sim, que se arranje com guardas á vista.—E acompanhou-os á saleta.

Quando envergava o casaco de pano piloto, o abade disse-lhe, com um jesto, que o dinheiro das Botellas de Braga ia nas albigueiras do paletó.

O sarjento perguntou que papela-

tir e saber. Que para maior gloria, para melhor triumpho da virtude,—nem isso.

Sofrer e calar é uma diviza cara á religião; sofrer e calar teria sido a boa doutrina, o almo ezemplo em S. Francisco e no Senhor dos Passos.

O contrario, zangarem-se, chegar quasi ás do cabo, foi irreparavel, foi feio. «Que é da virtude catolica» dirão os bem intencionados, desportos por esse desmentido rudissimo; «que é da santidade», dirão, vendo esboroar-se o edificio, atonitos, mudos de assombro, deitando as mãos á cabeça?! «Isto que foi na *Turris Eburnea?*» dirão deslumbrados pela luz da duvida?...

Nós não temos nada—mesmamente nada—com isto, torna a tornar.

Fazendo a cronica dos «*faits divers*» appareceu-nos este na rede, pescamol-o com certo interesse anatomico, e, agora, expômol-o acompanhado do môlho proprio na vitrine dos «casos do dia». E que a paz do senhor seja com os deuses, é o que intimamente estimamos...

Beneficencia republicana

INSTRUÇÃO E SAUDE

O partido republicano portuguez, acusado pelos monarchicos de todas as cores e de toda a casta como dissolvente e dezorganizador social, esse partido—que é a sociedade—a que os cães danados da «boa imprensa» lançam os ultimos vituperios e as mais ignobes calunias demonstra, com factos, prova com actos, a sua acção beneficente, a sua unica e exclusiva coordenação de energias, de boa-vontade e de boas obras, da qual hade sair, crêmol-o, um Portugal novo, um povo invejavel.

Sendo nós um paiz de analfabetos é obvio que o primeiro cuidado nacional, a mais urgente falha a sanar, é a da instrução, e, para isso visto que o estado abandona ou por sistema ou desleixo o problema da instrução publica primaria o partido republicano tomou-o para o rezolver numa jenerosa aspiração. Fundou escolas em toda a parte; rara é a terra do reino onde missões escolares patrocinadas por republicanos não tenham difundido a instrução gratuitamente, generosamente. Os centros partidarios, nucleos de vida nova que é preciso fazer vingar, por todo o paiz inscrevem como seu lema, acima de quaesquer intuitos restrictos, a criação e custeamento de escolas, e muitos, alem, ainda, desse labôr, dedicam-se a promo-

da era aquella que estava sobre a mesa. Leu a primeira folha e desatou a rir e a dizer ao barbaças:

—Olha que grande pandego você é! Você como se chama ó seu coiza? E leu alto:

Rol das mercês que sua majestade o sr. D. Miguel I fez em Portugal e que se descrevem neste livro de apontamentos provisoriamente.

E na primeira pajina:

Marcos Antonio de Faria Rebelo, abade de S. Gens de Calvos, capellão mór de el-rei e D. Prior de Guimarães.

E perguntava ao abade:—Este ratão d'este dom prior é você, heim? Parabens!

Em seguida:

Torquato Nunes Elias, visconde de S. Gens, secretario privado de el-rei.

Torquato Nunes! recordava o Pilula.—Eu parece-me que conheço este diabo de o vêr em Braga no *café* da Açucena, na Cruz de Pedra. Nunes! um pelintra. Onde está o visconde que lhe queria dar um cigarro? Enfim cá levo a papelada para Braga—e enrolava os papeis. A jente precisa conhecer os titulares novos para os respeitar e acatar, amigo D. Prior de Guimarães.

ver pela conferencia, pela lição popular, o conhecimento complementar e vasto da primeira instrução adquirida. Durante o inverno, na maior parte do ano, professores, jornalistas, tecnicos, diplomados, com uma constancia prosinua e uma consciencia fecunda ensinam ao operario, ao caixeiro, ao estudante, ao burocrata, ao commerciante, principios, noções basicas; toda a engrenagem complicada e inapercebida das coisas, do que se vive.

São republicanos quem se consagra á fatigante tarefa e fazem-o, não será inútil observá-lo, gratuitamente e mesmo com proprio e sensível sacrificio. Sustentam escolas, fazem uma intensa obra de resurgimento instrutivo, prejudicando-se ao professorado, e fazem isto eles que não são ricos, eles que não tem o tezouro publico para d'ahi fazer derivar as verbas para as despesas. Fazem isso e são cidadãos duplamente onerados, como contribuintes sujeitos ao imposto sobre a instrução... que se quizerem terão de pagar particularmente do seu bolsinho.

Isso, porem, não é tudo. A creança das grandes cidades encerrada em espaços abafados, respirando um ar ozonado, impuro, e mesmo esse ar absorvendo-o insufficientemente pela accumulção de viduas em areas estreitas, essa creança para que lhe seja restituído um certo equilibrio fisiologico precisa d'uma temporada de ar sã—e, preferentemente a qualquer meio livre, o ambiente maritimo é o que mais a fortifica.

Colonias de ferias, aproveitando, em salubres vilijaturas á beira már, a folga que é o premio de todo um ano de estudos; colonias de divertimento e de cura ha lá por fora, subsidiadas por particulares, pelo estado, por diversas instituições: atinjindo o fim desejado. Em Portugal o estado trata de gastar, em pura perda, vive da politiquice, aguentada-se pelo favoritismo e a cumplicidade corrupta—quer dizer, neste desgraçado paiz as creanças são abandonadas pelo regime, como tudo que é precioso.

Tiveram pois de intervir os republicanos, foi chamado o contribuinte ao novo e pezado imposto dos «banhos de már para as creanças pobres». Calculam as diversas comissões parochias de Lisboa darem este ano banhos de már a nada menos de mil creanças, alimentando-as e alojando-as de modo a que nada falte de nutritivo e bom aos pequenos.

Tal a obra republicana na sua ultima efflorescencia beneficente. Os monarchicos que fazem espirito de certas sentimentalidades injenuas mas fundamentalmente belas e sans da democracia portugueza, que continuam com os seus gracejos, com as suas piadas, com as suas grosserias e os seus inventos.

Que contínuem fazendo espirito de moço de fretes, e paralelamente, pelos seus desperdícios, pelos seus roubos, dificultando cada vez mais as exigências da vida. Que contínuem a revelar, a aprezentar, hoje como ontem, como sempre, o seu caracter de inúteis, de improductivos, de nocivos. E que mintam por tudo e em tudo... A obra popular republicana não a conseguem diminuir, não a apoucam apesar de boa vontade.

Porque a obra republicana é a obra que fica, a obra que vale, a obra que enche de esperança.

Educar, instruir, elevar a beneficencia até á pureza do altruismo sem... deantamentos sobre o parça, viveza, alegria é consolador, é resolutivo.

Quem tiver olhos veja, compare...

RIDENDO...

(Scena passada no «Alcalde» entre o dictador e um mensageiro do grêmio thalassa d'Ovar).

o dictador (sentado junto a uma meza)

Entre quem é. Por favor seja breve. Estou cansado...

Mensageiro

Sinto muito, meu senhor...

o dictador (nervoso)

Tambem eu!

Mensageiro (áparte)

Que mau humor!

o dictador

Vamos lá, diga o recado.

Mensageiro

Senhor, eu venho dizer-vos em nome da nossa grey, que em Ovar os vossos servos sentem mais força nos nervos...

o dictador (como quem se recorda)

Xim xenhor. Ovar... bem xei!

Mensageiro (lembrando)

A terra do pão de ló...

o dictador

Conhexo. Lembro-me até que em tempo lhe dei um nó igual ao de Kheriot na figueira...

Mensageiro

E' isso, é.

o dictador (rindo satanicamente)

Comi o Hintze, coitado, e os meus amigos vareiros... Mas tambem fiquei roubado porque nunca me foi dado o premio—trinta dinheiros.

(encolhendo os hombros)

Emfim... paxou!

(dirigindo-se ao mensageiro)

Diga lá

e breve, xe faz favor, o que é que o traz por cá... Alguma noticia má?

Mensageiro

Ao contrario, meu senhor. Venho aqui participar um grandissimo successo:

(o dictador esbugalha os olhos)

Sabei que vamos fundar uma gazeta em Ovar...

o dictador

Como se chama?

Mensageiro

«Progresso»!

o dictador (gritando e assentando um murro na meza)

Não quero! Mil vezes não! Nunca tal nome existiu! Chamem-lhe «tiro», «canhão», «caxete», «espada», «briddão», mas nunca «Progresso»!... Ouviu?

Mensageiro (tremendo de susto)

Ouvi, meu senhor...

o dictador (áparte)

Cambada!

Mensageiro (fazendo mezurras)

N'esse caso vou-me embora...

o dictador (furioso)

E não me diga mais nada!

Já chega para maxada...

Mensageiro (insistindo a médio)

Com que então «Progresso»...

o dictador (apoplectico)

Fóra!!!

Tremendo de commoção o mensageiro partiu.

...

...

Ora eis aqui a razão porque o jornal em questão até hoje não sahiu.

Zzxt.

PROCISSÕES

As procissões... Eu não conheço coisa mais estúpida, barbara e deshumana. Felizmente, sou, n'esta opinião, appoiado pelo espirito do seculo que, pouco a pouco, vae terminando com ellas. Qual o fim das procissões? Qual a sua necessidade? São para avivar as creanças? Que ha, por esse mundo de Christo, mais ridiculo e caricato do que Bois Bentos, S. Jorges de car-

ne ou de madeira, isto é, com taracha ou sem ella, prophetas com barbas de crina, pendões em varas de pinheiro por descascar, gaiteiros aos pinotes, matulões de cara apvalhada e cabelo empastado com gomma de pevides de marmello?

Que ha por ahi, de mais barbara e deshumano, senhoras d'Ovar, do que essa perigosissima exposição, a que, por vaidade, condemnaes os membros ainda tenros das creanças, carregadas com adereços de pechisque e diamantes de vintem, peito e braços nús, tiritando e caminhando custosamente, com os péritos entalados nos encarpes do uniforme, e atiradas, por essas ruas, á voracidade das bronchites e pneumonias que o frio origina, ou das febres que o calor provoca?

Dizei-me: a Christo, se é a Christo que desejaes honrar, não seria mais agradável que essas duas libras com que entraes em ajuste d'uma pneumonia para vossos filhos, lhes fosse entregues para, com ellas na bendita missão da Caridade, penetrarem n'uma d'essas barracas do Lamarão e as depõem nas mãos tremulas e descarnadas do pobre velho que tem fome e frio aos 80 annos, illuminando-lhe assim com a luz do céo, com a luz de Deus, aquelle tenebroso occaso de soffrimento e dôr?

E quando a creança voltasse a casa risonha e feliz, como Deus a sabe dispôr, ao fazer d'ella a mensageira do Bem, não seria para vós mais agradaveis as lagrimas da gratidão do pobre entevado que, como perolas, deslisassem ainda nas mãos pequenias, do que esse immundo cartucho de papel mata-morrão com doces de farinha de milho e assucar mascavado—suprema delicia de certos matulões—com que o boçal e estúpido Juiz da festa lhe paga o papel de comparsa?

Senhoras d'Ovar, que tendes filhos! Pensae n'isto.....

Zinão.

CHRONICA AGRICOLA

L

Adubos verdes

Como vimos em chronicas anteriores um dos adubos mais caros é o azote; por isso convem conhecer todas as fórmias de o adquirir para aproveitar a economica, sabido como é, que o azote é um dos elementos mais importantes e necessarios á vegetação.

Depois de largos e profundos estudos um sabio constatou a existencia d'esses microorganismos no terreno que tem a propriedade de fixar o azote atmosferico; longas e concludentes experiencias se fizeram e que nos asseguram a existencia d'esses seres que residem n'uma camada de 50 a 60 centímetros de profundidade.

A sua acção e vida que talvez em outra chronica eu estude, não são indifferentes á agricultura; favorecer-lhe as condições de vida e de trabalho é assegurar o enriquecimento do solo em azote o que é de valôr.

Nós ficaremos de brincando que as lavours e as sachas não tem só por fim tirar aservas ruins, deixar respirar as raizes e tornar permeavel o sólo.

Mas o que hoje importa a esta chronica é a fertilização dos terrenos por meio das plantas chamadas até fertilizantes por melhorarem o terreno em que são cultivadas.

Todas as plantas leguminosas melhoram os terrenos; assim é conveniente a cultura da ervilha, fava, luzerna, feijão, tojo, trêvo e sobretudo tremoço.

Os seus effeitos são tão conhecidos que desde a mais remota antiguidade se cultivava o tremoço para enterrar como estrume e já de ha muito se considera o trêvo como planta que alem de dar boa forragem, melhora o terreno.

Poucos sabem porque as leguminosas tem essa facultade.

Arrancando um tremoço vêem-se nas raizes umas nodosidades semelhantes ás d'uma doença das couves a que se chama a pótra.

Dentro d'essas nodosidades existem uns microbios (Bacillus radicicola) que tem a propriedade de absorver o azote da atmosphera fixando-o n'essas nodosidades.

Arrancando essas plantas com as raizes e enterrando-as fica o terreno com a quantidade que os bacillos abi fixaram.

Além do azote que assim fornecem, a quantidade de materia organica relativamente importante que com ellas se incorporam no sólo, melhora pela sua transformação em humus as qualidades d'esse sólo.

A planta mais usada e melhor é o tremoço porque é barata, dá-se bem nos terrenos ligeiros e as suas raizes enchem-se das taes nodosidades.

Convem enterrar-o quando está florido porque é quando tem mais elevadas percentagens d'elementos necessarios.

Mas o tremoço, como qualquer outra leguminosa não necessita só d'azote. Precisa dos demais elementos e quando estes sejam em quantidade sufficiente, a vegetação é rachimica e a accumulção d'azote inferior.

D'ahi a conveniencia d'adubar essa cultura com potassa e acido phosphorico, que tem duas vantagens: melhora a planta e se ella é para enterrar no local onde foi cultivada, restituindo tudo o que absorveu produz uma estrumação completa e se é para enterrar em terreno diferente do em que foi cultivado, evita que este se empobreça dos elementos que a planta forneceu e que ella vae levar a outros terrenos.

Costumam alguns lavradores intelligentes polvilhar o tremoço, depois d'arrancado, com cal e ainda com phosphatos, o que é pratica d'aconselhar; além de favorecer a nitrificação fornecem estes elementos tão necessarios.

Claro está que se o terreno for muito rico de potassa—o que é vulgar—póde supprimir-se esse adubo na estrumação do tremoço.

Esta póde consistir no emprego de 33 kilos d'acido phosphorico e 30 de potassa podendo dispensar-se o azote que elle adquire, ou empregar-o em diminuta quantidade.

CORRESPONDENCIAS

Vallega, 5 de Setembro de 1909

No julgamento do Snr. Manoel da Silva Henriques, que teve lugar na ultima segunda-feira, motivado pela prisão arbitrária que o regedor d'esta freguezia fez áquelle Snr., o regedor levou uma bella lição de moral, ficando sabendo que a auctoridade não póde servir ruins paixões, nem tão pouco andar de camaradagem com sentimentos mesquinhos e miseraveis.

Ficou sabendo que n'uma auctoridade deve existir a justiça e a igualdade do direito para todos, porque se no seio d'essa auctoridade se abrigarem a vingança e a malvadez, ella trará ao meio da sociedade a anarchia, derivando d'ahi verdadeiros actos de força, isto é, a desordem e o crime. Teve occasião de vêr que se não deve deixar suggestionar por conselhos de sua mulher, pois que torna, aos olhos dos estranhos, a sua auctoridade ridicula, não lucrando nada com essa intervenção, (antes pelo contrario...) porque n'esse ponto é completamente ignorante. Tambem ficou sabendo mais que não se póde criar costumes novos contra a lei, ainda que apoiados pela sua auctoridade, porque ficam por terra ao mais pequeno protesto, ainda que os habitantes d'esta terra se pareçam com os da de Paio-Pires...

Triste fórmula de governo que tem d'estas auctoridades; triste regimen que tem d'estes servidores! Chamamos a attenção da Camara para o estado em que se encontram as folsas da ribeira do Puchadouro ou de Pereira, achando-se estas quasi em completo açoriamto, e as suas margens convertidas em verdadeiros abysmos. Não seria mau providenciar, para contento dos lavradores d'esta freguezia, que, quando se acham n'aquelles atoleiros, commentam asperamente a Camara.

—Veio pa-sar alguns dias entre rós, acompanhado de sua Ex.ª familia, o Ex.º Snr. Dr. José Maria de Sá Fernandes. —Do Furadouro, onde esteve, por algum tempo, chegou o nosso amigo e correligionario Manoel Albino da Cruz. Desejamos melhoras aos seus padecimentos.

C.

NOTICIARIO

Dia a Dia

Fazem annos: No dia 13, o snr. Angelo Zagalo de Lima.

E no dia 15, o snr. Antonio Carmindo de Souza Lamy.

Felicitamol-os.

—Pelo nosso particular amigo e activo administrador d'esta folha, Fernando Arthur Pereira, foi pedida em casamento a snr.ª D. Adelina d'Oliveira Mello, extremosa filha do nosso bom amigo e correligionario snr. Antonio d'Oliveira Mello.

Este enlace, união natural de antigos e reciprocos affectos, e que pelos excellentes predicados que exornam os nubentes é para este seguro e garantido, celebrarse ha, ao que nos affirmam, por todo o proximo mez de outubro.

—Regressaram de Luso os nossos Amigos José Tarujo Laranjeira e Joaquim Ferreira da Silva.

—De visita a sua familia, encontra-se n'esta villa, com sua esposa e filhinhos, o snr. Manoel Valente Frazão, considerado commerciante de Gaya.

—Passa bastante incommodado de saude, o snr. Joaquim Rodrigues Leite, a quem desejamos as melhoras.

—Partiram para o Furadouro com suas familias, os snrs. Manoel André d'Oliveira Junior, dr. José Maria de Souza Azevedo, José Rodrigues Figueiredo, Carlos Ferreira Malaquias, Antonio da Cunha Farraia, Antonio Soares Balreira e José de Oliveira Ala.

Inspeções

As inspeções sanitarias a que se está procedendo n'este concelho aos mancebos recenseados para o exercito e armada deram nos dois primeiros dias, de que só podemos dar informação, o seguinte resultado:

Freguezia d'Esmoriz—Apurados definitivamente, 26; apurados conditionalmente, 2; isentos, 8; aptos nos termos do artigo 79.º do regulamento, por haverem faltado á inspecção, 8.

S. Vicente—Apurados, definitivamente, 4; e conditionalmente, 1; isentos, 4; aptos nos termos do artigo 79.º do regulamento, 1.

Dia 7: Arada—Apurados, 13; temporisados, 3; isentos, 4; aptos nos termos do artigo 79.º, 12.

Cortegaça—Apurados, 15; isentos, 4; aptos nos termos do artigo 79.º, 5.

Pesca

Com excepção dos primeiros dias d'esta semana, continuou a ser bastante remunerador o trabalho de pesca na nossa costa, havendo importantissimos lanços de boa e grande sardinha.

Não obstante, esta é posta no mercado por um preço elevado, devido sem duvida á grande carencia de pesca que por bastante tempo se fez sentir.

BARCOS AUTOMOVEIS

Construcção perfeita de barcos automoveis de 12 a 40 pés de comprimento, força de 2 a 100 cavallos e com a velocidade de 6 a 23 milhas á hora.

Fabrico e velocidade garantidas. Ha 100 modelos desenhados para escolher.

Fabricam-se helices fixos e móbiles para todos os systemas de motores. Fazem-se reparações em toda a classe de motores e barcos.

Os motores que applicamos nos nossos barcos são de fabrico americano de 2 e 4 temps, segundo o desejo do cliente.

Tambem se formam barcos a vapor sendo os cascos cá feitos e as machinas importadas, e bem assim barcos de 16 pés de comprimento por 5 de largo. Motor de 6 a 8 H P com a deslocação de 6 a 8 milhas á hora. Preço 250\$000 réis.

Indicações e orçamentos a quem os pedir.

LIBORIO & MAGINA Estarreja—Avanca

TANOARIA

E

ARMAZENS DE VINHOS

PARA

Consumo e exportação

DE

Carrelhas & Filho, Suc.^{or}

Grande deposito dos seus conhecidos vinhos--CELESTE (clarete), VIRGEM BAIRRADA (encorpado), VERDE DE CAMBRA e SUPERIOR BRANCO.

Alcool; aguardentes de vinho, figo e bagaceira; geropigas finas e baixas.

FINOS VINAGRES TINTO E BRANCO

Na sua "Tanoaria,, faz, toneis, pipas, quartolas, barris de quinto, decimo, vigesimo e tudo o mais concernente á mesma, garantindo a solidez e perfeição dos seus trabalhos.

RUA DAS FIGUEIRAS

== OVAR ==